

# SHILOCK E O MERCADOR DE VENEZA: OS JUDEUS E O ANTISSEMITISMO NA EUROPA RENASCENTISTA<sup>1</sup>

Shilock and the Merchant of Venice: the Jews and anti-semitism in  
Renaissance Europe

COSTA JUNIOR, C. L. J.  
GRESSANA, L.

Recebimento: 27/10/2010 - Aceite: 18/11/2011

**RESUMO:** Durante o renascimento europeu, o judaísmo era uma presença significativa no interior da sociedade cristã, porém, as relações sociais que pautavam cristãos e judeus eram marcadas pela hostilidade, preconceito e segregação. A literatura renascentista refletiu esta situação de forma muito clara, sendo um exemplo clássico a peça O Mercador de Veneza, do dramaturgo inglês William Shakespeare, que traduz de forma muito precisa a problemática em torno dos judeus e as profissões por eles desempenhadas, ligadas principalmente ao mundo das finanças. A ligação dos judeus com a riqueza os estigmatizou, vindo a somar mais um argumento antissemita aos já existentes no mundo medieval: os de usurários.

**Palavras-chave:** Judeus. Renascimento. O Mercador de Veneza de William Shakespeare. Diáspora judaica. Usura.

**ABSTRACT:** In the Renaissance, Judaism was a significant presence within the Christian society; however, the social relations that guided Christians and Jews were marked by hostility and segregation. The literature reflected this situation, being the play *The Merchant of Venice* by William Shakespeare a classic example of it. The play addresses the issues around the Jews and their social acts, especially about money and usury. The Jews have been stigmatized by applying usury, expanding the anti-Semitic arguments prevalent in the Middle Age.

**Keywords:** Jewish. Renaissance. *The Merchant of Venice*, William Shakespeare. Jewish diaspora. Usury.

## Introdução

As profundas transformações sociais e culturais vivenciados na Europa durante os últimos séculos da Idade Média (séc. XV e XVI) também foram acompanhadas pelo surgimento de novas práticas econômicas que possibilitaram a gênese do capitalismo moderno. No que se refere às comunidades judaicas estabelecidas por todo o continente europeu, estes séculos foram marcados por perseguições, segregação, conversões forçadas ou a simples expulsão definitiva, como o caso da Espanha (1492), governada pelos Reis Católicos Fernando e Isabel. Tais situações mantiveram os judeus à margem da sociedade cristã do Renascimento, forçando-os a buscar alternativas de sobrevivência em atividades econômicas consideradas indignas ou proibidas aos cristãos. Jean Delumeau sugere, com muita precisão, que as formas renascentistas da aversão aos judeus assumiram características unificadas, teorizadas, generalizadas e clericalizadas. (DELUMEAU, 2009).

A literatura e o teatro renascentistas representaram importantes meios de elaboração de um imaginário antijudaico, sendo, desta forma, um espelho em cujos reflexos é possível vislumbrar certos aspectos do nascente fenômeno do antissemitismo. Nesta perspectiva, o teatro elisabetano representou importante papel na construção de uma imagem estereotipada dos judeus e os ofícios a eles associados. O dramaturgo inglês William Shakespeare escreveu, por volta de 1596-97, uma de suas mais conhecidas peças, *O Mercador de Veneza*, cujo personagem judeu, Shylock, tornou-se verdadeiro símbolo de ganância e avareza. Sua representação ao longo dos séculos incitou o antissemitismo e a segregação, influenciando de forma decisiva na moderna ideia do judeu ganancioso.

O objetivo deste trabalho, contrapor o Shylock shakespeariano à historiografia, busca entender e contextualizar o real papel dos judeus na sociedade renascentista europeia, assim como a origem do antissemitismo moderno e sua relação íntima com o mundo das finanças e do comércio no Mediterrâneo quinhentista. Para tal, faz-se necessário iniciar uma breve contextualização histórica sobre a trajetória do judaísmo na Europa.

## Os Judeus e o mundo Cristão

Ao longo da Era Cristã, os judeus formaram uma sociedade caracterizada por elementos muito singulares e heterogêneos. A dispersão iniciada nos massacres e no antijudaísmo antigo, de caráter religioso, mais notadamente durante o domínio romano e a destruição do Templo de Jerusalém no ano 70 da Era Cristã, forçaram os judeus<sup>2</sup> a estabelecerem comunidades em lugares longínquos, tornando-se o judaísmo uma presença marcante na Europa, norte da África e Ásia, e na Veneza concebida pelo autor inglês.

No período medieval (entre os sec. V e XIV), os judeus não formavam uma categoria social bem definida dentro das estruturas do feudalismo, pois não eram nem livres, nem servos, e não tinham o direito de possuir terras ou portar armas. (ATTALI, 2008). No século XI, o advento das cruzadas e a crescente intolerância delas derivada produziram os primeiros massacres de judeus na Europa que atingiram o auge no século XIV, com a proliferação da peste negra. O pânico causado pela doença e o fervor religioso levaram os judeus a serem acusados de envenenar os poços e as fontes d'água, resultando em mais massacres e expulsões. (SCHEINDLIN, 2003). O historiador francês Jacques Le Goff resume a crítica situação dos judeus no mundo medieval:

[...] a condição dos judeus na cristandade se agravava. *Pogroms*<sup>3</sup> foram realizados

por volta do ano mil, depois no tempo das cruzadas, perpetrados, sobretudo pelas massas em busca de bodes expiatórios das calamidades (guerras, fome, epidemia) e vítimas de seu fanatismo religioso. O antijudaísmo da Igreja se endureceu e, na sociedade cristã, do povo aos príncipes, o anti-semitismo [...] apareceu no século XII e, sobretudo no século XIII. (LE GOFF, 1989, p. 36).

O desenvolvimento das cidades e a retomada do comércio e das atividades financeiras nos séculos XIII, XIV e XV produziram novas dinâmicas sociais, que transformaram a sociedade feudal em suas bases. Os judeus progressivamente expulsos de todos os ofícios e da posse da terra, abandonaram o campo e dirigiram-se para as cidades. (LE GOFF, 1998). Os judeus, com poucas alternativas, buscaram sua sobrevivência nas atividades financeiras. Para Fernand Braudel:

O Judeu, originalmente camponês tal como o Armênio<sup>4</sup>, desligou-se há séculos e séculos do trabalho da terra. Por todo o lado é financeiro, assentista, mercador, usurário, prestamista, médico, artesão, alfaiate, tecelão, até mesmo ferreiro... Muito pobre por vezes; medíocre prestamista se se apresentar ocasião para isso. (BRAUDEL, 1984, p.176).

Dentre as atividades as quais os judeus se dedicaram, uma é de particular importância para a compreensão da obra *O Mercador de Veneza*: o empréstimo de dinheiro a juros. Os judeus eram os únicos que dispunham de grandes somas em moedas para emprestar às empresas e mercadores. Sob cada empréstimo cobravam juros, tomando como garantia objetos da vida cotidiana como louças e vestimentas. (LE GOFF, 1998).

Os judeus também se destacaram no comércio internacional, onde criaram uma das primeiras redes mercantis do mundo (BRAUDEL, 1984). As crescentes expulsões de judeus dos países ibéricos, mais notada-

mente da Espanha (1492) e de outras regiões da Europa aumentaram o fluxo de imigrantes judeus para as cidades e reinos da Itália. Esses reinos e cidades-Estados estabeleceram, a princípio, políticas de segregação, obrigando os judeus a usar sinais distintivos e confinando-os em guetos. (BRAUDEL, 1948).

A cidade portuária de Veneza, próspera república mercantil no litoral do Mar Adriático, foi um dos principais centros do comércio Mediterrâneo no século XVI, cuja importância pode ser revelada nas palavras do sociólogo francês Jacques Attali:

Veneza é então a cidade mais importante da economia mundial. É lá que se fixam os preços das principais mercadorias e se constroem as melhores embarcações, as *galere da mercato*. É de lá que mercadores cristãos e judeus remetem para o Oriente a lã de Flandres<sup>5</sup>, o veludo de Gênova, a lã feltrada de Milão e de Florença, o coral de Barcelona. É também por Veneza que chegam os escravos de Tana<sup>6</sup>, a seda de Constantinopla, os metais da Anatólia<sup>7</sup>, as sedas da Pérsia, a pimenta de Malabar<sup>8</sup>. (ATTALI, 2008, p. 241).

O governo da cidade, no século XVI, havia ordenado o confinamento de sua população judaica em um gueto, sendo os portões de entrada vigiados por cristãos. O número de judeus, porém, era reduzido: Em 1586, aproximadamente na mesma época em que Shakespeare escrevia *O Mercador de Veneza*, havia um número em torno de 1.424 judeus vivendo na cidade (BRAUDEL, 1984). O gueto de Veneza seria desmantelado apenas no final do século XVIII, por inspiração dos ideais da Revolução Francesa.

## O Mercador de Veneza

William Shakespeare escreveu a peça *O Mercador de Veneza* entre os anos de 1596 e

1597, tornando-se ela um símbolo contraditório do renascimento inglês e caracterizada como uma das comédias do autor (VIÉGAS, prefácio, in: SHAKESPEARE, 2008.). A narrativa ocorre em Veneza em fins do século XVI, opondo Antônio, o mercador que nomeia a peça; e Shylock, o judeu usurário.

Antônio, cristão devoto que tem por costume cuspir em judeus, procura ajudar financeiramente seu amigo Bassânio que deseja cortejar a bela Pórcia, rica dama da fictícia cidade de Belmonte, ávida para encontrar um marido. Para isso, Antônio, não possuindo capital disponível no momento tendo em vista seus navios carregados de mercadorias em viagem, se compromete em um empréstimo de três mil ducados financiado pelo judeu Shylock. Conhecido “usurário”, membro de uma comunidade judaica e que se dedica ao empréstimo de dinheiro a juros. Em troca do empréstimo, Antônio compromete uma libra<sup>9</sup> de sua própria carne, caso não cumprido o acordo.

Ao final da peça, os empreendimentos mercantis de Antônio fracassam, seus navios naufragam, e impossibilitado de cumprir o acordo, Shylock busca, através do tribunal de Veneza, presidido pelo próprio Doge<sup>10</sup>, a libra de carne do mercador. Shylock, porém, cai em uma armadilha jurídica quando é acusado de ameaçar a vida de um cidadão veneziano e tem seus bens confiscados, além de ser obrigado a se converter ao cristianismo. Este fim imposto ao judeu pode ser resumido nas palavras de Pórcia - disfarçada de juiz - à Shylock: “Terás mais justiça do que querias”. (SHAKESPEARE, 2008 p. 109).

Harold Bloom, um dos mais conceituados estudiosos de Shakespeare, não hesitou em afirmar que [...] “teria sido melhor para o povo judeu, ao longo dos últimos quatro séculos, se Shakespeare jamais tivesse escrito essa peça.” (BLOOM, 2000, p. 224). Bloom vai mais além, equiparando o antissemitismo

incitado pela peça shakespeariana ao dos *Os Protocolos dos Sábios de Sião*<sup>11</sup> e o Evangelho de João. (BLOOM, 2000).

As motivações e o comportamento de Shylock merecem uma atenção especial, tendo em vista que o judeu de Shakespeare é considerado um personagem de grande eloquência, ao contrário de Barrabás, o judeu avaro criado pelo dramaturgo Christopher Marlowe alguns anos antes de Shakespeare escrever *O mercador de Veneza*<sup>12</sup>. Tomando como base o personagem caricato de seu contemporâneo, Shakespeare irá criar um personagem semelhante, porém muito mais profundo em significado e personalidade. Para Bloom: [...] “Shakespeare esforça-se para expurgar de Shylock todo o elemento marlowiano, o que, inevitavelmente, implica um mergulho no interior do personagem”. (BLOOM, 2000, p. 234).

A agressividade para com Shylock é uma constante em toda a obra, sendo que os personagens cristãos lhe ofendem e insultam por ser um judeu e, também, um usurário. Shylock, em resposta, faz a seguinte exclamação:

**Shylock** – Signor Antônio, muitas e muitas vezes no Rialto<sup>13</sup> o senhor me taxou disso e daquilo por causa dos meus dinheiros e as minhas taxas de juros. [...] O senhor me chama de infiel, de cão raivoso, e cospe na minha gabardina de judeu. E tudo porque faço uso daquilo que é meu. Pois bem, agora parece que você está precisando de minha ajuda. (SHAKESPEARE, 2008, p.40)

A resposta de Antônio a Shylock é carregada de novos insultos e ameaças:

**Antônio** – Estou a ponto de te chamar assim de novo, de cuspir em ti de novo, de te enxotar a pontapés também. Se queres emprestar esse dinheiro, empresta não como se fosse para amigos, pois quando é que um amigo toma de outro amigo a ninhada de seu estéril metal? Pelo con-

trário: empresta o teu dinheiro ao teu inimigo, àquele que, se for à bancarrota, tu podes com um sorriso no rosto cobrar dele a multa devida. (SHAKESPEARE, 2008, p. 40-41).

Além de Antônio, outros personagens secundários demonstram claramente sua aversão a Shylock, como Lancelote, o palhaço, empregado na casa de Shylock, pautado por um tipo de humor grosseiro:

**Lancelote** – Lógico, a minha consciência vai me ajudar a fugir desse judeu, o meu amo. O demônio está aqui no meu cotovelo, me tentando, me dizendo: [...] “Meu bom Lancelote Gobbo, pernas pra que te quero, dê a partida, trate de fugir”. Minha consciência diz: [...] “honesto Lancelote Gobbo: nada de fugir, despreza essa fuga, pega ela e chuta com os teus calcanhares” [...] Se me deixo guiar por minha consciência, devo ficar com o judeu, meu amo, que... Deus que nos livre!... é uma espécie de demônio. [...] Certo, o judeu é a encarnação do diabo [...] O demônio me dá o conselho mais afável: vou fugir [...]. (SHAKESPEARE, 2008, p. 45-46).

O antissemitismo presente nos diálogos de Graciano, outro personagem secundário e amigo de Bassânio, também surpreendem o público atual pelo seu tom antissemita, claramente presente nesse diálogo em relação à Jéssica, filha de Shylock: [...] “Ora, por meu chapéu, uma donzela muito bem educada; nem parece judia!”. (SHAKESPERAE, 2008, p. 61). Jéssica, ao fugir com um cristão, só aumenta os tormentos de seu pai, a quem odeia.

Ao mesmo tempo em que Shylock foi insultado e ameaçado pelos personagens, este também revela seu ódio vingativo em relação aos cristãos, particularmente contra Antônio. A cobrança da libra de carne por Shylock na peça é o elemento que o torna, além de um usurário, um verdadeiro “monstro”, em contraposição à bondade cristã, representada por

Antônio. Harold Bloom assim sintetiza a peça shakespeariana: “A comédia cristã triunfa, a maldade judia é coibida, e tudo acaba bem [...]” (BLOOM, 2000, p. 228).

Já para Jacques Attali, as características socioeconômicas de *O Mercador de Veneza* seriam uma metáfora da própria Londres elisabetana, representando um porto que se desenvolvia e fervilhava de atividades comerciais. (ATTALI, 2008). É reconhecido que a peça representa um desafio ao público atual, tendo em vista que sua encenação não pode ser mais realizada como era originalmente, sem críticas, sendo por isso muito difícil resgatar a arte de Shakespeare, como reconhece Harold Bloom. (BLOOM, 2000).

Este comportamento vingativo é, nas palavras de Jacques Attali, completamente incompatível com a moralidade judaica: “Na verdade, nada é menos judeu do que o comportamento de Shylock: [...] a moral judaica proíbe as represálias e rejeita a lei de talião, e também condena qualquer corte de carne num animal vivo.” (ATTALI, 2008, p. 311). O comportamento vingativo de Shylock, portanto, não pode ser considerado verdadeiro.

## Os Judeus e as Finanças

A usura é o principal argumento antissemita presente em *O Mercador de Veneza*, pois além de ser vingativo, Shylock também é um usurário. O conflito entre economia e religião era uma questão de grande importância durante o renascimento, momento onde a religiosidade progressivamente cedeu espaço às preocupações terrenas. Para Jacques Le Goff:

A usura. Que fenômeno oferece, mais do que este, durante sete séculos no Ocidente, do século XII ao XIX, uma mistura tão explosiva de economia e de religião, de dinheiro e de salvação – expressão de uma longa Idade Média, em que os homens eram esmagados sob os símbolos

antigos, em que a modernidade trilhava dificilmente um caminho entre tabus sagrados, em que as astúcias da história encontravam na repressão exercida pelo poder religioso os instrumentos do êxito terrestre? (LE GOFF, 1989, p. 9).

Entre os grupos sociais que estavam envolvidos com a usura, estavam judeus, mas também cristãos, embora esse ofício lhes fosse expressamente proibido. Nos diálogos de *O Mercador de Veneza*, Shylock, no momento do empréstimo dos ducados a Antônio e Bassânio, explica seus motivos para a cobrança de juros, referindo-se ao trecho da Bíblia que faz menção a Jacó:

**Shylock** – Quando Jacó pastoreava as ovelhas de seu tio Labão... Esse Jacó era o terceiro a ocupar as terras, depois do nosso santo Abraão; sim, ele foi o terceiro...

[...]

**Antônio** – E por que falar dele agora? Ele cobrava juros?

**Shylock** – Não, não cobrava juros, nem cobrava juros, como vocês diriam, diretamente, sem subterfúgios, sem cerimônia. Note bem o que Jacó fazia: Labão e ele haviam concordado que todos os cordeirinhos que nascessem raiados ou malhados seriam o pagamento de Jacó. As ovelhas, estando no cio no fim do outono, eram levadas até os machos e, quando o trabalho de gerar novos carneirinhos acontecia entre os lanudos genitores, ali, bem no **ato, o hábil pastor me descascava** certos galhos de árvores e, na ação do ato daquele tipo, ele colocava diante das ovelhas lascivas aqueles ramos fininhos e elas concebiam. Mais adiante, elas pariam cordeiros multicoloridos, e esses eram de Jacó. Era uma maneira de prosperar, e ele foi abençoado; e o lucro é uma bênção se não for roubado. (SHAKESPEARE, 2008, p. 39).

Note-se bem a última frase de Shylock: “e o lucro é uma bênção se não for roubado”. Esta passagem revela uma forma muito diferente da cristã (no caso, do catolicismo) de conceber a riqueza, tornando-se este um dos fatores fundamentais para a oposição de cristãos e judeus sob o ponto de vista econômico. Jacques Attali diferencia as doutrinas econômicas judaicas e cristãs:

Paralelamente, crescem as diferenças entre as duas doutrinas econômicas. Numa e noutra, acredita-se nas virtudes da caridade, da justiça e da oferenda. Mas, para os judeus, é desejável ser rico, ao passo que, para os cristãos, é recomendável ser pobre. Para uns, a riqueza é um meio de melhor servir a Deus; para outros, ela só pode ser nociva à salvação. Para uns, o dinheiro pode ser um instrumento do bem; para outro, os efeitos dele são sempre desastrosos. Para uns, todos podem usufruir do dinheiro bem ganho; para outros, ele não deve ser acumulado em nossas mãos. Para uns, morrer rico é uma bênção, desde que o dinheiro tenha sido adquirido com moralidade e que a pessoa tenha cumprido todos os seus deveres em relação aos pobres da comunidade; para outros morrer pobre é a condição necessária da salvação. (ATTALI, 2008, p. 109).

Como especificou Jacques Attali, os judeus viam no dinheiro uma forma de servir a Deus, ao passo que para os cristãos ele era nocivo. O empréstimo de dinheiro a juros também era vetado aos judeus, como especifica estas passagens do Antigo Testamento:

1. Se emprestares dinheiro a um compatriota, ao indigente que está em teu meio, não agirás com ele como credor que impõe juros”. (Êxodo, XXII, 24 apud LE GOFF, 1989, p. 20-21).

[...]

2. Se o teu irmão que vive contigo achar-se em dificuldade e não tiver com

que te pagar, tu o sustentarás como a um estrangeiro ou hóspede, e ele viverá contigo. Não tomarás dele nem juros nem usuras, mas terás o temor do teu Deus, e que o teu irmão viva contigo. Não lhe emprestarás dinheiro a juros, nem lhe darás alimento para receber usura.” (Levítico, XXV, 35-37 apud LE GOFF, 1989, p. 20-21).

Estes trechos do Antigo Testamento impuseram a proibição do empréstimo de dinheiro a juros aos membros da comunidade judaica. O Deuteronômio, entretanto, trouxe um elemento novo a estas especificações: “3. Não emprestes a teu irmão com juros, quer seja dinheiro, quer sejam víveres, quer seja qualquer outra coisa. Poderás exigir juro do estrangeiro, mas não do teu irmão. (Deuteronômio, XXIII, 20 apud LE GOFF, 1989, p. 21).

O empréstimo de dinheiro a juros, embora proibido aos membros da comunidade, era liberado para os estrangeiros. Eis por que Shylock emprestava três mil ducados a Bassânio e Antônio. Não havia impedimento religioso que o proibisse e, como referido antes, o lucro que não for proveniente de más ações é uma benção. Shylock, não sendo cristão, compreendia Bassânio e Antônio como estrangeiros e, por isso, não havia nada nas escrituras que o condenasse moralmente sob a ótica judaica. Segundo Le Goff: “Não cristãos, eles não sentiam escrúpulos nem violavam as prescrições bíblicas fazendo empréstimos a indivíduos fora de sua comunidade.” (LE GOFF, 1989, p. 35).

Já para os cristãos, a riqueza se conseguida através da usura, era algo nocivo para a vida eterna, um pecado mortal. Ela representava, a princípio, um roubo e um ataque à justiça:

O roubo usurário é um pecado contra a justiça. Tomás de Aquino<sup>14</sup> diz: “É pecado receber dinheiro como recompensa pelo dinheiro emprestado, receber

uma usura?” Resposta: “Receber uma usura pelo dinheiro emprestado é em si injusto: pois vende o que não existe, instaurando com isso manifestamente uma desigualdade contrária à justiça”. (LE GOFF, 1989, p. 27).

A usura para os cristãos também ofendia a ordem divina estabelecida para mundo. A manipulação do tempo pelos homens também era uma das razões para se conceber a usura como um pecado mortal. Eis um discurso medieval transcrito por Le Goff sobre esta questão:

Meus irmãos, meus irmãos, conheceis um pecado que nunca descansa, que é cometido o tempo todo? [...] É a usura. O dinheiro dado em usura nunca deixa de trabalhar, e sem parar fabrica dinheiro. [...] É um trabalhador incansável. Conheceis, irmãos, um trabalhador que não descansa aos domingos e feriados, no sono como na vigília! [...] Nisso também a usura é uma ofensa a Deus e à ordem por Ele estabelecida. Ela não respeita a ordem natural que Ele quis dar ao mundo e à nossa vida corporal, nem a ordem do calendário estabelecida por Ele. [...] (LE GOFF, 1989, p. 30).

Outra característica na usura radicalmente oposta a mentalidade cristã é a possibilidade de o dinheiro ser fecundo, reproduzir-se em si mesmo, contrariando o seguinte diálogo de Shylock: “Com o perdão da palavra, eu faço ouro e prata darem cria. Mas preste atenção, *Signor...*”. (SHAKESPEARE, 2008, p. 39).

Para os cristãos, nas palavras de Le Goff: “O dinheiro é infecundo”. Portanto, a usura queria fazer com que ele frutificasse. Tomás de Aquino diz, após conhecer a obra de Aristóteles: “*Nummus non parit nummos* (O dinheiro não se reproduz)”. (LE GOFF, 1989, p. 29). Segundo Jacques Attali:

Para os cristãos, [...] assim como para Aristóteles e os gregos, o dinheiro – tanto

quanto o tempo – não produz riqueza por si mesmo, é estéril; por isso, fazer comércio de dinheiro é um pecado mortal. Essa obsessão da esterilidade do dinheiro também remete ao ódio à sexualidade, proibida fora do casamento. Para a [...] Igreja, nada deve ser fértil fora daquilo que é criado por Deus. Fazer o dinheiro trabalhar corresponde a fornicar. (ATTALI, 2008, p.109).

Para os judeus, por outro lado:

[...] o dinheiro está vivo e deve trabalhar; ele é fecundo, como eram os rebanhos de Jacó, e a riqueza é sã. O dinheiro não é um bem diferente dos outros; está tão vivo quanto os outros. (ATTALI, 2008, p. 147)

[...]

O dinheiro, assim como o gado, é uma riqueza fértil, e o tempo é como um espaço a ser valorizado. (ATTALI, 2008, p. 109).

Esta situação também revela um profundo embate entre uma mentalidade medieval, fechada ao comércio e totalmente voltada a Deus, e uma mentalidade renascentista, dinâmica, berço do capitalismo moderno e tendo em vista atender as necessidades do homem.

A usura não era praticada somente pelos judeus. Ao final da Idade Média e durante o Renascimento, um grande número de cristãos também se dedicou a este ofício. A concorrência entre cristãos e judeus também se acentuou: “O grande impulso econômico do século XII multiplicou os usurários cristãos. A hostilidade deles contra os judeus era mais alimentada à medida que estes se tornavam temíveis concorrentes.” (LE GOFF, 1989, p. 37). Ao referir-se aos judeus, Jacques Le Goff desfaz alguns mitos:

É preciso antes de tudo desfazer um equívoco. A história ligou estreitamente a imagem do usurário à do judeu. [...]

Na verdade, a estes proibiam-se pouco a pouco atividades produtivas que hoje chamaríamos “primárias” ou “secundárias”. Não lhes restava outra coisa, ao lado de algumas profissões “liberais” como a medicina [...] senão precisamente fazer com que o dinheiro, ao qual o cristianismo recusava qualquer fecundidade, produzisse. (LE GOFF, 1989, p. 35).

O empréstimo de dinheiro a juros tornou-se um dos poucos ofícios disponíveis para os judeus do renascimento. Dessa forma, não havendo alternativas para sobrevivência, firma-se o preconceito contra Shylock e os usurários judeus de Veneza.

## Considerações Finais

Conclui-se, portanto, que o papel econômico desempenhado pelos judeus é fundamental para Veneza e outras cidades mercantis, entretanto, sua posição social contrasta com sua importância econômica. Shylock, assim como outros judeus de sua comunidade, são considerados indesejáveis, sendo necessário mantê-los longe da população cristã. O gueto adotado por Veneza e outras cidades italianas é a síntese desta problemática em que os judeus, úteis no mundo das finanças, não são expulsos – como ocorreu na Espanha – mas segregados e mantidos sob vigilância. O pragmatismo econômico destas cidades manteve os judeus economicamente próximos, mas socialmente afastados.

As relações entre judeus e cristãos ao longo da Alta Idade Média haviam sido relativamente pacíficas, mas a partir do advento das cruzadas, esta realidade se transformou. Porém mesmo durante o Renascimento, o papado e seus domínios na Itália significaram um porto relativamente seguro quando comparados a ação zelosa da Inquisição na Espanha, cuja política dos reis Isabel e Fernando de impor uma limpeza de sangue (*limpieza*



*de sangue*) não encontrou semelhante em toda a Europa (LE GOFF, 2007). A isso se soma a concorrência de mercadores e financistas cristãos, que certamente insuflaram ainda mais ódio contra seus concorrentes judeus.

A análise de *O Mercador de Veneza* também revela o importante papel do teatro na difusão de ideias antijudaicas. Para Jean Delumeau, antes mesmo de *O Mercador de Veneza* ser escrita, no final século XVI, o teatro sacro (o chamado *Mistério*) já havia desempenhado importante meio de catequese antijudaica, provocando hostilidades contra os judeus, principalmente nas cidades onde eram representadas. Do teatro sacro, o antijudaísmo passou para o teatro profano, tornando Shylock um personagem verossímil aos expectadores (DELUMEAU, 2009).

Despido o personagem de Shakespeare de seus elementos caricatos, sobra apenas o

judeu histórico, cuja atividade de usurário enquadra-se dentro das condições a eles reservadas por uma sociedade que os estigmatizou, cujo comportamento pode sim ser definido como sendo a origem do moderno fenômeno que chamamos de antissemitismo. Nesta perspectiva, Jacques Le Goff aponta com muita precisão que é esta sociedade cristã do final da Idade Média que começou a construir o antissemitismo europeu (LE GOFF, 2007).

Shylock é um personagem que antecipa os grandes massacres e perseguições a judeus no século XX, e as ideias antissemitas presentes em *O Mercador de Veneza* ainda estarão presentes em obras relativamente recentes como *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. O judeu de Shakespeare, mesmo possuindo um caráter caricato e deformado, tornou-se uma presença constante no imaginário do ocidente.

## NOTAS

<sup>1</sup> O presente artigo foi concebido originalmente como Trabalho de Conclusão de Curso realizado no ano de 2009 pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Erechim – RS, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

<sup>2</sup> A designação “judeu” surge na Antiguidade, com a desintegração do reino de Israel e a formação do reino de Judá. Dessa forma, seus habitantes então passaram a ser chamados de judeus.

<sup>3</sup> Perseguições e massacres de judeus, muito comum na cristandade latina ao longo da Idade Média. Os grandes pogroms iniciaram-se na Idade Média a partir da Primeira Cruzada, sendo os mais conhecidos os do conde Emich II von Leiningen contra os judeus da Renânia, em 1096.

<sup>4</sup> Os armênios possuem uma trajetória histórica semelhante a dos judeus, tendo eles sido dominados ou expulsos por impérios vizinhos ao longo dos últimos séculos. Os massacres perpetrados pelos turcos contra civis armênios durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) contribuíram ainda mais para sua dispersão.

<sup>5</sup> Região que atualmente corresponde à Bélgica.

<sup>6</sup> Região próxima ao Lago Tana, na Etiópia.

<sup>7</sup> Área que atualmente corresponde ao território da moderna Turquia.

<sup>8</sup> Região correspondente à costa ocidental da Índia.

<sup>9</sup> Libra é uma unidade de peso utilizada nos países anglo-saxônicos e que corresponderia nos dias de hoje a aproximadamente 0, 453 gramas.

- <sup>10</sup> O Doge era a autoridade máxima na hierarquia política da República de Veneza.
- <sup>11</sup> *Os Protocolos dos Sábios de Sião* é uma obra marcadamente antissemita que acusa os judeus de objetivarem o domínio do mundo, através de uma articulação financeira. Sua origem é incerta, mas é provável que tenha sido forjado pela polícia secreta russa, a Okhrana, no início do século XX tratando-se, portanto, de uma farsa.
- <sup>12</sup> Dramaturgo inglês contemporâneo de Shakespeare, sendo autor de, além de *O Judeu de Malta*, *Tamerlão*, *Doutor Fausto* e *Dido, a Rainha de Cartago*, entre outras.
- <sup>13</sup> A ponte do Rialto era o centro financeiro de Veneza.
- <sup>14</sup> Teólogo e filósofo medieval expoente da Escolástica, método que procurava conciliar a fé com a filosofia.

## AUTORES

César Luiz Jerce da Costa Junior - Licenciado em História pela Universidade Regional Integrada - URI Campus de Erechim. E-mail: cesarcostajunior@yahoo.com.br

Luciane Gressana - Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: lugressana@uri.com.br

## REFERÊNCIAS

- ATTALI, Jacques. **Os judeus, o dinheiro e o mundo**. São Paulo: Futura, 2008.
- BLOOM, Harold. **Shakespeare: A invenção do humano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico** Vol. II. Santelmo: Martins Fontes, 1984.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.
- LE GOFF, Jacques. **Por Amor às cidades**. São Paulo: Unesp, 1998.
- \_\_\_\_\_. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **A Bolsa e a Vida: economia e religião na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SCHEINDLIN, Raymond. **História ilustrada do povo judeu**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- SHAKESPEARE, William. **O Mercador de Veneza**. Porto Alegre: L&PM, 2008.